

# A Embrapa, a Funai e os krahôs

Elza Battaglia Brito da Cunha

Representantes do povo krahô (Tocantins) procuraram a Embrapa/Cenargen há três anos. Estavam à procura de sementes de milho das variedades que seus antepassados haviam usado por centenas de anos para plantio em suas roças e que as gerações mais novas haviam perdido.

A Embrapa havia coletado, no início da década de 70, amostras de sementes de milho em terras indígenas de Mato Grosso e Goiás, onde hoje se situa o Estado do Tocantins, mantendo essas amostras em seus bancos de germoplasma a 20°C abaixo de zero.

A Embrapa entregou-lhes parte das amostras de sementes e eles as plantaram e colheram por dois anos seguidos. Selecionaram um punhado de boas sementes e numa visita de cortesia à Embrapa/Cenargen entregaram mais um punhado de sementes para a manutenção e conservação nos bancos do Cenargen. Daí surgiu a idéia de um convênio que foi assinado no início de maio de 1997 entre a Embrapa e a Funai. O seu objetivo é uma parceria entre as duas entidades e os povos indígenas para assegurar a coleta de amostras

de espécies vegetais em terras de índios, mediante prévio consentimento dos mesmos, e o intercâmbio de materiais vegetais existentes e conservados nos bancos de germoplasma da Embrapa para atender necessidades dos povos indígenas.

Desse trabalho estão surgindo outras idéias. Por que não utilizar a experiência do projeto-piloto que está sendo executado em parceria com os krahôs com outros povos indígenas? Por que não trabalhar com os índios um programa de conservação e uso de germoplasma nas próprias terras indígenas?

Além das variedades de milho, a Embrapa, por intermédio desse convênio, já remeteu para os krahôs, no ano de 1997, dezenove tipos de amendoim que estavam conservados no banco de amendoim do Instituto Agronômico de Campinas (IAC); dez de arroz; dez de feijão; dez de caupi; e dois de fava. Já remeteu seus técnicos por duas vezes às terras krahôs para repassar tecnologia de criação de viveiros e obtenção de mudas de espécies florestais pertencentes ao ecossistema local (Tocantins). Os krahôs têm interesse em replantar

a floresta para adensar a caça. Estas sendo enviadas neste mês para as aldeias krahôs mais trezentas sementes de coco de seis variedades cedidas pelo Centro de Tabuleiros Costeiros da Embrapa, sediado em Aracaju (SE), que servirão de base para o restabelecimento dessa cultura na região, trazendo não só uma ampliação de diversidade de culturas mas também mais opção para a alimentação das aldeias e novos produtos para a comercialização.

Todos os materiais enviados para cultivo em terras indígenas passam por um rigoroso sistema de quarentena onde as sementes são examinadas e desinfetadas para que nenhuma doença estranha seja introduzida nas roças indígenas.

A Embrapa, a Funai e os krahôs saíram na frente em relação ao resto do mundo e estão implementando na prática, entre outros, os artigos 8º (i,j), 9º (a,c) e 10 (c) da Convenção da Diversidade Biológica.

O artigo 10 (c) diz textualmente que cada país-membro deverá tanto quanto possível "proteger e encorajar o uso costumeiro dos recursos biológicos de acordo com as práticas culturais tradicionais

que são compatíveis com os requisitos de conservação e uso sustentável".

Nós, da Embrapa, acreditamos em ações práticas que fujam das reuniões intermináveis e sucessivas que não levam a nada.

Estamos trabalhando de verdade e vamos ampliar nossa parceria. Depois de acabar com a fome nas aldeias com roças de milho, abóbora, mandioca e outras espécies, as famílias krahôs poderão comercializar pupunha e coco para começar a auferir renda familiar.

A Embrapa vai manter essa colaboração porque os krahôs, com suas práticas agrícolas, são parceiros tão importantes como qualquer outro agricultor ou empresa. Conservam seus recursos genéticos por milhares de anos e, se agora precisam de germoplasma e de tecnologia para continuar sobrevivendo, a Embrapa não lhes negará ajuda.

O convênio formalizou a parceria entre a Embrapa, a Funai e os krahôs, calcada numa relação de respeito mútuo e muito trabalho. Sem paternalismo e sem demagogia.

■ Elza Battaglia Brito da Cunha é diretora-executiva da Embrapa

CB  
13/1/1998  
151  
21